REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310

A CULTURA BRASILEIRA: FERNANDO DE AZEVEDO

CULTURA BRASILEÑA: FERNANDO DE AZEVEDO

BRAZILIAN CULTURE: FERNANDO DE AZEVEDO

Wilson de Sousa Gomes[1]
Universidade Estadual de Goiás
E-mail: berimbau2005@hotmail.com

Resumo

O artigo discute a obra *A cultura brasileira* (2010), do autor Fernando de Azevedo, examinando a concepção de história elaborada pelo sociólogo no Brasil no início do século XX. A metodologia adotada toma a interpretação bibliográfica e formativa do educador brasileiro para a construção interpretativa. Tendo como fonte o livro citado, a concepção de história apresentada nessa obra possibilita nos defrontar com a visão de Fernando de Azevedo sobre os processos temporais constituidores da cultura brasileira.

Palavras-Chave: Fernando de Azevedo, Cultura Brasileira, História.

Resumen

El artículo discute la obra A Cultura Brasileira, del autor Fernando de Azevedo, examinando la concepción de historia desarrollada por el sociólogo en Brasil a principios del siglo XX. La metodología adoptada toma la interpretación bibliográfica y formativa del educador brasileño para la construcción interpretativa de los procesos históricos. Con base en el libro mencionado, la concepción de la historia presentada en este trabajo permite confrontar la visión de Fernando de Azevedo sobre los procesos temporales que constituyen la cultura brasileña.

Palabras Clave: Fernando de Azevedo, Cultura Brasileña, Historia.

[1] Doutor em História Universidade Federal de Goiás – UFG (2021). Mestre em História Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC / GO (2015). Graduado em História Universidade Estadual de Goiás – UEG (2005). Docente de Ensino Superior na Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Jussara.

Abstract

The article discusses the book A Cultura Brasileira (2010), by Fernando de Azevedo, examining the conception of history developed by sociologist in Brazil at the beginning of the 20th century. The adopted methodology takes the bibliographical and formative interpretation of the Brazilian educator for the interpretative construction. Based on the aforementioned book, the conception of history presented in this work makes it possible to confront Fernando de Azevedo´s vision of temporal processes that constitute Brazilian culture.

Keywords: Fernando de Azevedo, Brazilian Culture, History.

ISSN: 2718-8310

INTRODUÇÃO

Esse artigo trabalha a obra *A cultura brasileira* e o sociólogo brasileiro Fernando de Azevedo[2]. O autor foi professor, educador, crítico literário, ensaísta e sociólogo. Nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, no Estado de Minas Gerais, em 2 de abril de 1894, e faleceu em São Paulo, capital, em 18 de setembro de 1974. Durante “cinco anos fez cursos especiais de letras clássicas, língua e literatura grega e latina, de poética e retórica; e, em seguida, cursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo”. Ensinou latim, psicologia e literatura. Lecionou sociologia educacional no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, onde foi catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo[3].

A obra do autor é regularmente acessada em estudos sobre a história da Educação, da Sociologia, da Psicologia, das Letras e da Antropologia no Brasil, entre outras áreas do conhecimento[4]. Nesse texto, procuro aproximá-lo do campo da história. Pretendo enfatizar o modo como o autor realizou suas reconstruções do passado com vistas “a melhor compreensão do presente” e a percepção do tempo (Pilette, 1994: 181 a 184). Problematizando a forma como Fernando de Azevedo trabalha com o passado para descrever a cultura brasileira do presente, buscou-se evidenciar sobre o tipo de história narrado n’ *A cultura brasileira*. Essa obra foi encomendada como introdução ao Censo. Como o sociólogo não quis conduzir o recenseamento de 1940, a Comissão Censitária Nacional requisitou que o mesmo escrevesse uma introdução.

> O primeiro *volume*, [do livro:] A Cultura Brasileira, foi concebido e escrito por Fernando de como uma introdução ao Recenseamento de 1940, numa espécie de troca por ter declinado do convite para presidir a Comissão Censitária Nacional [de 1940]. O autor dividiu o livro em *três partes* – Os Fatores da Cultura, A Cultura e A Transmissão da Cultura –, nas quais pretendeu traçar, ainda que em esboço, um retrato de corpo inteiro do Brasil, *uma síntese ou um quadro de conjunto de nossa cultura* e civilização, conforme declara no prefácio. Objetivou unificar os conhecimentos dispersos nos trabalhos de detalhe, abandonar o que é secundário e acessório para fixar o essencial e

---

[2] Este trabalho se constitui numa versão resumida da Tese de Doutorado intitulada *Fernando de Azevedo e a História a partir d´A Cultura Brasileira*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás em 2021.

[3] AZEVEDO, Fernando. Biografia. In: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/fernando-de-azevedo/biografia. Acesso em: 08 de agosto de 2022.

[4] Para as áreas de conhecimento que tomam Fernando de Azevedo e suas obras como objeto: SILVA, José Cláudio Sooma. Produção de e sobre Fernando de Azevedo. In: Fernando de Azevedo em releituras: sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2020.

> indicar as grandes linhas do desenvolvimento, interessado [que estava,] na interpretação do Brasil[5]

Ultrapassando os objetivos pretendidos, a obra torna-se um texto descritivo sobre a cultura brasileira. Desde a primeira publicação, o texto passou por 7 edições[6]. A 5ª edição utilizada aqui, passou por revisão ortográfica, a organização das bibliografias para estar em acordo com as normas da Editora. Além disso, o núcleo central do texto de 1943 está preservado. Em outras palavras, mesmo após correções e atualizações, o modo como o autor compreende o processo histórico foi preservado na última edição publicada em vida pelo autor. Esse fator possibilita destacar a perspectiva histórica de Fernando de Azevedo com maior segurança. Em resumo, na obra o autor se propõe a discutir a síntese ou um "quadro de conjunto", que refletiu situações temporais em uma realidade "fugidia, como é o Brasil" e, sobretudo, revelar aos brasileiros e o "aos homens de outros países", a vida "nacional" nos seus mais de "quatrocentos anos de história" (Azevedo, 2010: 04 e 15). Se tomarmos a diversidade histórica e cultural do país é perceptível que o autor se propôs um grande desafio interpretativo/descritivo.

Nas mais de 900 páginas escritas, a experiência orientadora do passado revela uma concepção de história próxima a uma filosofia da história e/ou uma história essencialista. Fernando de Azevedo lidou com o tempo numa perspectiva evolucionista, destacando os elementos significativos desse tipo de direcionamento temporal. É importante salientar que o autor n' *A cultura brasileira*, condenou "qualquer preponderância do econômico sobre o político". Defendeu, "à necessidade de se recolher da melhor tradição filosófica e romântica", o pleno sentido humano. Se propondo a estar de "espírito aberto [e] acolhedor de orientações distintas" e muitas vezes "contrastante", não abriu mão de "visão global dos fenômenos sociais" (Reale, 1984: 66 e 68). Mesmo assim, ao narrar eventos do passado nacional, Fernando de Azevedo apresenta uma abordagem que remete a elementos essencialistas que tinham no argumento da unidade cientifica e cultural, na continuidade e no destaque dos gênios criativos a sua ênfase. Em outras palavras, como ele não podia dizer o que o mundo essencialmente deveria ser, sua escrita sugere que a história da humanidade é movimentada por atores e/ou produtores que alteram e movem o movimento do tempo. Seriam eles que colocariam a realidade em movimento, promovendo mudanças, reformas, transformações etc.

---

[5] Edusp – Editora da Universidade de São Paulo. A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo (Coleção Os Fundadores da USP). Disponível em: https://www.edusp.com.br/detlivro.asp?id=411915. Acesso em: 24/12/2018.

[6] A 1º pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 1943. A 2º edição pela Companhia Editora Nacional em 1944; a 3º edições foi publicada pela editora Melhoramentos em 1958. Essa foi a única que sofreu alterações, as outras apenas correções e atualizações. A 4º edição foi publicada pela Melhoramentos, em 1964; a 5º edição também pela editora Melhoramentos em 1971. Já a 6º edição pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1996 (Toledo, 2000: 169). Para a discussão proposta, adotou-se a 7º edição, lançada pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) em 2010. Ela não sofre alterações. Basicamente reproduz a 5º edição, a última "em vida do autor".

Não faltam exemplos, na obra, de personalidades criadoras que oferecem sentido aos indivíduos e as coisas do mundo[7].

A CULTURA BRASILEIRA COMO EXPRESSÃO DE UMA PRESENÇA INTELECTUAL

Apresentada a obra e autor em linhas gerais, o leitor d' *A cultura brasileira*, no prefácio, encontrará o modo como se deve 'ler' o livro e 'ver' o e seu criador, estabelecido pelo próprio autor. É interessante a forma como Fernando de Azevedo se apresenta. Em suas palavras, se considera devoto do passado; sensível ao encanto que as idades antigas exercem, mas, atraído pela ciência, a técnica e, sobretudo, o "desejo de contribuir" com amplas reformas que sejam edificadoras do futuro. Nesse contexto, seu livro pretendia ser uma contribuição a inteligência e a cultura brasileira (Azevedo, 2010: 12 e 13).

Fernando de Azevedo se mostra preocupado com a recepção da sua escrita. No texto deixa nítido como quer ser visto e lido. Elemento corroborante com essa ideia, constantemente registrada pelo autor, é de que sua participação no Recenseamento de 1940 fora indicação e insistência realizada por intelectuais, autoridades nacionais e amigos. Em suas palavras, lhe causou surpresa a "sua nomeação para Presidente da Comissão Censitária Nacional" nesse período. Mas, em suas palavras, mesmo emocionado, contente com a indicação, recusa o cargo e função. Embora se sentisse incomodado diante de tantos pedidos de amigos, ministros e o próprio Getúlio Vargas não se vê em condições para atender o requerimento (Azevedo, 2010: 13). Esses elementos indicam o cuidado que tinha com o registro de sua rede de amizades e interlocutores.

A descrição da recusa em assumir um cargo administrativo na Comissão Censitária Nacional também é importante porque é diante de sua recusa, que lhes solicitam ao menos uma colaboração de outra natureza. Que pelo menos escrevesse a "Introdução ao Recenseamento de 1940". Fernando de Azevedo, afirma ter sugerido nomes, os mais ilustres, no entanto, somente o seu era de interesse do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Em seu movimento de aceitação observa então que "uma obra de tamanha responsabilidade e, a tantos respeitos, penosa e difícil", o exigiria muito. Assim, embora reconhecesse que a empreita se configura como uma empresa tentadora, árida e sofrida, se rende aos pedidos. Uma empreitada sedutora por um lado, árdua e trabalhosa por outro – é assim que descreve o trabalho realizado. Com base nisso, concorda em traçar "um retrato de corpo inteiro do Brasil" em uma síntese, ou quadro de conjunto da cultura nacional (Azevedo, 2010: 14).

---

[7] Essa reflexão leva em consideração BOURDÉ, Guy. *As filosofias da história*. In: As escolas históricas. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2018. (Coleção História e Historiografia). ARRAIS, Cristiano Alencar. *Arnold Toynbee (1889-1975).* In: *A constituição da História como ciência:* de Ranke a Braudel. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013. RÜSEN, Jörn. Razão histórica: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

Descrevendo o trabalho que havia se comprometido a executar, num prazo de dois anos, entende que o tempo era "exíguo demais para não encarar a empresa como uma aventura". Mas, em suas palavras, teve a felicidade de suportar o grande esforço e sem interromper nenhuma de suas obrigações (Azevedo, 2010: 10 a 15). Não há dúvidas da competência e compromisso do autor com a cultura e educação, conforme já registrado em diversas pesquisas já realizadas sobre o autor. Mas, o que chama a atenção é a forma de representar a si enquanto estudiosos dos assuntos do Brasil e a indicação de como o leitor deveria 'ler' sua produção.

Em suas palavras, como a construção do livro exigia um gosto seguro, adquirido na longa e íntima comunhão com os mestres, somente alguém de formação sólida – conhecedor dos clássicos gregos, romanos e modernos – teria conhecimento para produzir esse desenho do Brasil. Somente tendo conhecimento bastante profundo de todos os problemas, seria possível ir direto ao essencial. Julgava Fernando de Azevedo, que sua experiência com o conhecimento sociológico, lhe tornava capaz de superar os as armadilhas narrativas de não se render à sedução dos trabalhos de detalhe e, assim, oferecer um retrato, um conjunto sintético da cultura brasileira, no que considerada o mais importante e essencial (Azevedo, 2010: 15).

O autor se reconhece como possuidor das qualidades necessárias, de "linguagem simples e sábia", pensamento justo, conciso, elegante, sem perder a objetividade. Também, com as qualidades encontradas num devoto do passado, que, sensível as aspirações das idades antigas, não deixa esses elementos sobrepujar a atração pela ciência, pela técnica, pelo moderno e o 'desejo' de edificar o futuro (Azevedo, 2010: 15). Observa-se aqui a existência de dois aspectos distintos, porém interligados. Existe o homem de ciência – sociólogo – e o homem estudioso – escritor, crítico literário. O trabalho é científico, mas o autor é envolvido, formado e admirador das idades antigas. Aquelas que lhe fornece a visão de homem, da natureza humana, do mundo. Entre as qualidades exigidas e as possuídas; vem à tona o modo como o autor valoriza sua "sóbria eloquência", seu vigor e "força comunicativa da emoção", a ação segura e objetiva. Fernando de Azevedo é ciente das fragilidades da obra, especialmente no que concerne à complexidade de um recorte temporal e espacial tão amplo. Por isso, trabalha em transcrever e demonstrar que há equilíbrio entre o conhecimento cientifico e a convicções pessoais.

Quando Fernando de Azevedo se entrega a "aventura dos estudos brasileiros" e quer torná-lo um vigoroso trabalho, "destinado a tornar o Brasil mais conhecido dos brasileiros" e "aos homens de outros países", atribui a sua obra a tarefa de dar consistência aos estudos humanos, a trajetória cultural, histórica e social do ser brasileiro. Para Diogo Roiz (2020: 25), o sociólogo brasileiro dá a história, ou melhor dizendo, atribui a história a tarefa de dar consistência as humanidades. Como o autor entendia que a história, enquanto conhecimento, por si só não atinge tal propósito, lhe atribui o status de auxiliar do conhecimento sociológico, do seu conhecimento sociológico aplicado a leitura do Brasil.

Para Fernando de Azevedo, era a sua capacidade de síntese e de erudição, que permitiria a intermediação entre os textos antigos e uma interpretação da história brasileira, bem como do tempo presente. Em sua concepção, ao estudar a história obteria dos exemplos e experiências

passadas, “a necessária lição” e conhecimentos básicos para compreensão do presente. Nesse sentido, para conhecer o tempo presente, a história serviria de auxiliar na leitura do tempo e da experiência humana. A ‘lição’, se é que se pode dizer assim, sobre os homens no tempo e com o tempo, em Fernando de Azevedo, é que eles, os homens, em seus variados tempos e espaços, possuiriam a mesma natureza.

A forma de mudar a mentalidade, de desenvolvimento e evolução, passa pela capacidade de criação e transmissão da cultura. Entretanto, esse tipo de filosofia da história de Fernando de Azevedo, por mais que faça referência as histórias particulares, em última instância, pouco importam. O que está em foco, é a natureza humana que, ao longo do tempo é mantida. Logo, no que refere a história enquanto conhecimento, o passado e o presente são percebidos de modo estático. Não que o autor desconsidere totalmente a fluidez do tempo, mas a estabilização lhe permite a aproximação “segura”, ou, em suas palavras, com as constantes para a pintura do país de corpo inteiro.

Tal perspectiva é retirada da obra: “*Experiências*”, do historiador britânico Arnold Toynbee, e, particularmente, no capítulo “Os outros assuntos”. Fernando de Azevedo argumenta que “esse ensaísta, historiador e filósofo [...] era uma das leituras” de sua maior “predileção”. Que era sempre um prazer acompanhá-lo nas suas lembranças, reconstituições históricas, análises e previsões (Azevedo, 1970, *apud* Penna, 1987: 169-172). A aproximação com o historiador inglês não é casual. Por um lado, em vista da tarefa extremamente complexa, nesse caso, a de examinar a própria consciência de forma objetiva, acaba por se apoiar em uma concepção subjetiva do passado nacional. Para Fernando de Azevedo, se “toda consciência humana é mestre na arte de enganar-se a si mesma, vendo-se em uma luz demasiadamente favorável”, os aspectos subjetivos podem ganhar mais força que os objetivos. Além disso, sua leitura – leitura predileta –, demonstra consciencia da significação dada e construída na sua obra. E, ao recorrer a Arnold Toynbee ([1970]), estava ciente de que, para ele, os fatos “são a matéria do historiador”, mas apenas como indicativos.

> *Gosto dos fatos da história, mas não por eles mesmos. Gosto deles como indícios de alguma coisa situada além deles, como indícios da natureza e significação do misterioso universo no qual todo ser humano desperta para a consciência.*
>
> Toynbee, [1970]: 104-142

Para Toynbee, os fatos históricos não dizem nada por si mesmos. É o intelectual que, ao relacioná-los, encontra indícios que desvendam a natureza humana e os mistérios do universo histórico. Na relação de desafio e resposta (Arrais, 2013), vão surgindo as civilizações, povos e nações. A partir disso, Fernando de Azevedo toma a ideia de uma força, que algo, ou que alguém, move as coisas do mundo. Pois, ao falar do seu encantamento com as épocas passadas, se referindo aos gregos e romanos, maravilha-se com as novas civilizações que surgem a partir das contribuições clássicas. Dos grandes feitos promovidos por homens que mudaram a história. Em resumo, para o sociólogo, o processo histórico é resultado de

mudanças e permanências, mas também, da ação individual de certos sujeitos, guerreiros, líderes e outros.

Com esse pensamento, o autor defendia que não bastava construir uma história, seria preciso edificar "uma imagem sistemática da história humana". Partindo do princípio de que construir uma história da cultura brasileira é uma proposta bastante ambiciosa, conforme as palavras do próprio autor, *A cultura brasileira* veleja entre um misto de proposições historiográfica, desejo enciclopédico e filosofia da história. Confiante em sua erudição e capacidade de síntese, Fernando de Azevedo não apenas se aproxima de Arnold Toynbee, mas destaca uma concepção de história atrelada as grandes forças. Marcos temporais que, conduzidos por personalidades criadoras, como, artistas, guerreiros, intelectuais e outros, teriam o papel de conduzir a história.

Com outras palavras, Fernando de Azevedo legitima o papel desempenhado pelas forças, essa representada por indivíduos, nações, governos, intelectuais e outros, que fazem realmente a história. As "personalidades criadoras continuam a surgir", realizam sua antiga atribuição: conquistar, criar, desenvolver ou mesmo, a responder aos desafios "com uma resposta vitoriosa" aos problemas lançados em cada tempo e espaço (Arrais, 2013: 264-265). O educador e sociólogo, atribuía a história a função de "mestra da vida", ou pelo menos, de instruidora da vida ou para a vida. A ideia de uma maneira de viver, de um espelho, da lição da vida. Essa é fixada quando o escritor trabalha a perspectiva de que, para se produzir um conhecimento sobre os homens não se pode perder de vista a condição humana. Por mais que os fatos históricos sejam importantes, ele os toma como indícios, para daí ver algo situado além deles. Seja a força da natureza, da razão, das ideias, das instituições, as personalidades criadoras, a ciência ou a cultura.

Como se pode observar, é esse tipo e compreensão que dirige a atenção desse intérprete da cultura brasileira. Por mais que os tempos históricos sejam carregados de civilizações diversas, sejam em seus fundamentos, finalidades, princípios ou convicções diversos, o homem, a natureza humana permanece sempre a mesma na visão do pensador. Em seus instintos, fraquezas, vaidades, egoísmo, "anseios de poder e de domínio de si mesmo e sobre os outros"[8]. Dessa forma, nesse ir e vir é que o sociólogo brasileiro constrói sua obra. Logo, Fernando de Azevedo pode ser entendido como alguém que elabora uma "síntese sobre o nascimento, o crescimento", mas não a decadência, e sim a necessidade de evolução da cultura brasileira (Bourdé, 2018: 110). Se colocando na condição de intérprete das interpretações, *A cultura brasileira*, é uma síntese que reúne os estudos monográficos em uma visão de conjunto, em uma história geral.

Fernando de Azevedo afirmava não se contentar com visões parciais, fragmentadas, ou mesmo reduzidas ao horizonte de sua especialidade; a especialidade historiadora por exemplo. Preferia os grandes quadros e as visões de amplas. Tendo por base as explicações de Guy

[8] AZEVEDO, Fernando. Carta a Anísio Spínola Teixeira. São Paulo, 27 de novembro de 1970. In: PENNA, Maria Luiza. Fernando de Azevedo: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987: 170 a 172 (1. Correspondência Transcrita).

ISSN: 2718-8310

Bourdé (2018) e considerando que Fernando de Azevedo conhece e usa as proposições de Arnold Toynbee, o que ele levava em conta não era o estudo específico, e sim, a visão de conjunto. O intelectual preferia o "alto-mar", a reflexão planetária. Queria, no que refere a sua concepção de história, cavalgar pelos séculos e continentes, a fim de "pegar na armadilha o espírito do universo inteiro" para apreender a natureza humana (Bourdé, 2018: 110 a 111).

Ao praticar uma história que se fundamenta sobretudo nos assuntos brasileiros e em um conjunto de fontes secundárias, "usando, quando não abusando, do raciocínio por analogia", semelhança e comparação, persegue "a evolução das sociedades", se interessa unicamente pela unidade histórica mais ampla no espaço e mais longa no tempo, a saber, a cultura ocidental (Bourdé, 2018: 110 a 112). Fernando de Azevedo quer ver, ou fazer ver a unidade histórica e cultural da sociedade brasileira no movimento temporal do ocidente. Acreditava que isso explicaria o passado, desvelaria o presente e ajudaria a pensar na superação dos problemas para um futuro mais próspero e alinhado aos desafios da sociedade moderna.

Evidenciar o estado de harmonia, de proximidade dos homens e da sociedade por meio da cultura, estabilizaria a natureza humana por um lado, de outro, daria o sentido de continuidade a história nacional a partir de uma referência, a cultura europeia, ocidental e cristã. A chave usada pelo autor possibilita os homens viverem como membros de uma mesma comunhão. Assim, segundo o autor, o que faz o ser brasileiro é a sua cultura e os aspectos que a condicionaram, que server de origem, ou inspiração. O que faz dele, o ser brasileiro, um ser cultural é o seu passado, sua história particular ligada a uma história geral, nesse caso, a ocidental, e os processos de transmissão (Azevedo, 2010).

Assim, nesse movimento de construção da obra e reconstrução do passado, em sua forma de sintetizar a história brasileira, Fernando de Azevedo legitima e justifica sua escrita e forma de abordagem não em um estudo específico das singularidades nacionais, mas com base no movimento das grandes civilizações. A história nacional seria assim, um anexo da história dos povos ocidentais. Nesse ponto, toca-se mais uma vez em um ponto que está em destaque n' *A cultura brasileira*, é quanto seu autor direciona o olhar do leitor, ou pelo menos a forma como o leitor deveria ler e entender o livro: a cultura brasileira é parte da cultura ocidental. Com isso, Fernando de Azevedo pede aos leitores julgem o livro pelo seu valor essencial: o de servir ao país e tornar a cultura brasileira mais conhecida dos brasileiros em uma "imagem tão exata quanto possível de sua cultura"[9].

A presença institucional

[9] Justificando, se diz aliviado "de ambições", acredita que a obra teve um "destino feliz", seja pelas publicações, traduções e outros, mas, sobretudo, pela acolhida que testemunha a apreciação, "a largueza do campo que se abriu" e "à influência e penetração" entre os leitores, seja em âmbito nacional ou internacional (Azevedo, 2010: 15). Certamente, Fernando de Azevedo quando escrevia o prefácio da obra em 1955, mais de uma década depois da produção e publicação do livro, se referia a um tipo de "reflexão sobre o fenômeno educacional [e cultural que,] não pode ocorrer de forma isolada, mas articulada à configuração social que o condiciona".

Importa ressaltar ainda na trajetória de Fernando Azevedo, a presença “extremamente forte e duradoura na produção das Ciências Sociais no interior da Universidade de São Paulo/USP”. Segundo Souza (2002: 01), a produção de Fernando de Azevedo terá influência em Antônio Candido (1918 – 2017), Florestan Fernandes (1920 – 1995), Fernando Henrique Cardoso (1931 -) e outros, esses, segundo José Vieira de Souza (2002), serão “representantes expressivos da instalação e consolidação das Ciências Sociais na USP”.

Ao fazer parte de uma geração que estava construindo um pensamento nacional institucionalizado e vinculado a Universidade de São Paulo - USP, o autor se encontrava entre “os intelectuais desta primeira geração (1925-1940)”, que se revelavam “preocupados, sobretudo, com o problema da identidade nacional e das instituições. Na sua perspectiva, já existia uma identidade nacional latente”, a grande questão era a forma de intervir na realidade. Nesse sentido, a obra pode ser entendida como um momento edificante, que configura uma “etapa em que as Ciências Sociais no Brasil já estão instaladas e podem ser percebidas não só como uma nova possibilidade de refletir sobre a realidade brasileira em mudança”, mas como “um instrumento de intervenção nos rumos desta mudança” (Souza, 2002: 03).

Mais que apresentar retratos de corpo inteiro, a obra, na visão do autor, poderia ser a chance de mudar a forma de entender o passado e mudar a realidade. Assim, ao invés de se ocupar dos detalhes, seu trabalho visava uma ‘história universal’, uma história geral da cultura brasileira, pois, analisa e interpreta abarcando os fatores condicionadores e regentes do curso dos acontecimentos que marcaram o passado e o presente. Uma filosofia da história dos grandes feitos, das grandes coisas, das personalidades criadoras e condutoras dos destinos (Collingwood, 1944: 09).

Apesar da proposição de um percurso histórico, o autor justifica sua escrita, que, embora extensa, possui um caráter sintético. Ele afirma: talvez “não tenha conseguido dar do Brasil senão um retrato sem retoques, inacabado em vários pontos, e, em outros, talvez inexato ou infiel”. Porém, Fernando de Azevedo advoga que o leitor pode “facilmente imaginar os problemas que levanta o planejamento de um livro destinado a receber, como numa tela, a redução da imagem de um país” (Azevedo, 2010: 14 a 16).

Tendo o Brasil um vasto território, extrema variedade de paisagens geográficas, complexos “quadros históricos - culturais, em que se fragmentou, como numa pluralidade de tipos e graus a civilização importada pelos portugueses”. Entre as qualidades, facilidades e dificuldade existentes, sua obra estaria entre uma produção monumental e superior aos trabalhos de detalhe. Entretanto, o mais importante da obra na visão de seu construtor, é que ela “cumpre seu destino”: serve ao país, torna - o bem mais compreendo e descreve a história da cultura brasileira com uma imagem exata “desde suas origens até o estado atual” por volta de 1940 (Azevedo, 2010: 15 e 18).

São importantes a sinceridade e as revelações pessoais acerca da origem da obra, bem como os sentimentos do autor. Por outro lado, ainda fica invisível o que o livro representa. A considerar que o protagonista/escritor da obra, ‘vai e volta’ na construção, estruturação e mesmo organização da obra, em suas palavras, para um “livro que me obriguei a escrever”,

acaba por ter influência e presença na cultura intelectual do país. Aceitando a obrigação, o dever, dá a sua produção uma perspectiva monumental, reconstrói e cobre toda a história do país em um quadro de conjunto (Azevedo, 2010). Contudo, a reconstrução do processo histórico contido na imagem da história brasileira, obedece a fins próprios, ou seja, apresentar a cultura brasileira como a capaz de formação de uma nova cultura, correspondente ao processo de transição por que passava a sociedade.

Fernando Azevedo era ligado ao grupo do periódico *O Estado de São Paulo,* e aos pioneiros da Educação Nova. Como Fernando de Azevedo atuava em várias frentes, sua obra demarca no tempo, 'o dever' e o sentido que os grupos e as instituições a qual esteve ligado. O texto é uma narrativa do passado histórico e, ao mesmo tempo, a defesa de que seria preciso educar o Brasil para a cultura. Como numa espécie de revolução reformista, a reorganização da cultura faria os brasileiros se libertarem. Para isso, em sua visão, a organização das reformas de ensino e as preocupações políticas de reconstrução do ensino, que estiveram na esteira dos seus trabalhos e ações, não podiam se perder com o tempo.

Como o processo de criação da Universidade de São Paulo, "expressa[va], em certo sentido, sua vinculação com as elites, no sentido de ater-se ligada aos interesses de grupos hegemônicos paulistas. Além da reivindicação dos intelectuais, as circunstâncias históricas de São Paulo" na década de 1930, favoreceu surgimento dessa instituição. "Tendo sido derrotado duas vezes (1930 e 1932) [nas eleições presidenciais], era preciso que o estado paulista fosse capaz de conquistar, no campo intelectual e acadêmico, a hegemonia perdida no campo político". Fernando de Azevedo compartilhava da perspectiva de que "vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas" (Souza, 2002: 04).

Sendo um contexto dinâmico e fluido para que as ações e feitos tivessem efeitos esperados, tornava-se urgente e "profícua a construção de um novo setor de produção de grupos dirigentes, por meio de uma intervenção direta sobre a formação cultural dos indivíduos, com a criação" da universidade. Nesse "sentido, a Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, esteve articulada a um conjunto de iniciativas (de letrados vinculados ao movimento da 'Escola Nova' e de empresários liberais, em geral, proprietários de jornais e revistas de circulação nacional), e foi uma das pioneiras, neste projeto político, institucional, cultural e intelectual" de retomada hegemonia e atuação na formação dos indivíduos (Roiz, 2020: 36). Como o autor estava vinculado a esses grupos e instituições, que se consideravam criadores, ou pelo menos, propositores de um projeto de cultura capaz de formar, de reconstruir a nação numa cultura elevada, desenvolvida, voltada ao progresso material e imaterial, de certa forma, a obra representa a preservação de certos passados e explica certos feitos.

É compreensível que no contexto de perplexidade, hesitações, suspeitas e divergências da década de 1930, que nasce a "ideia de confiar ao autor desta obra [*A cultura brasileira*,] a incumbência de, como reformador e intérprete da nova corrente pedagógica [a Escola Nova]", consubstanciar ideias e opiniões. Seja "num manifesto", nas reformas ou nas obras, "os novos ideais" seriam assinalados. Assim, a defesa de uma cultura "urbana e industrial", uma nova política educacional e formação de uma elite intelectual, expressas na obra, objetiva romper

ISSN: 2718-8310

com as tradições do passado. No intuito de "fortalecer os laços de solidariedade, manter os ideais democráticos", a criação "de universidades e de institutos de alta cultura", correspondia ao "desenvolvimento dos estudos desinteressados" e da pesquisa, mas da própria sociedade, para que a mesma se adaptasse a vida e as transformações "sociais e econômicas, operadas pelos inventos mecânicos" que passavam a governar as forças naturais (Azevedo, 2010: 722).

Fernando de Azevedo, "além de ter tido uma participação bastante ativa como um dos fundadores" da Universidade de São Paulo - USP, exerceu papel essencial em várias frentes, inclusive na "construção do espaço acadêmico da Sociologia nessa instituição. Ao ser o "primeiro catedrático brasileiro da disciplina de Sociologia na Faculdade de Filosofia", também se responsabilizou na "contratação de notáveis intelectuais dessa área, como, por exemplo, Antônio Cândido, Azis Simão e Florestan Fernandes". Fernando de Azevedo na USP, nos grupos e outras instituições, nesse processo, acaba por revelar sua crença de que por meio da inteligência, do pensamento, das ideias, poderia alcançar vitória da democracia e liberdade, "contra a força e a violência na sociedade" (Souza, 2002: 04).

No pensamento azevediano compreendemos um sentimento que ele toma da era clássica. Para ele, a USP seria a primeira instituição possuidora de um "caudal de inquietação que os homens possuem em face da natureza, da vida" e da sociedade. Em comparação, diz que, "como a Academia Platônica, na Grécia e a Universidade, na Idade Média", tem a convicção "de que homens de responsabilidade cultural devem ser despertados" para a especulação, a pesquisa, o método experimental e outros. Dito de outra forma, para "viver da verdade e de sua investigação", nessa lógica, elege *um lugar* de organização e produção de conhecimento (Azevedo, 2010: 735).

Com essa perspectiva, Fernando de Azevedo dotado de uma crença platônica em que, universidade conseguiria criar uma república de sábios, se assume como alguém que quer dar significado institucional aos conhecimentos. Tal feito é "para elevá-los ao mais alto nível, de coordenar as investigações, de promover os progressos das ciências, de difundir a cultura e utilizar tudo isso em proveito da comunidade" (Azevedo, 2010: 734). Certamente a universidade, o colegiado, o grupo e as instituições, são lugares que privilegiam seus pares. Esses locais ou espaços de sociabilidade[10], servem de lugar de publicação, construção e divulgação de ideias e outros, mas, sobretudo, são espaços, "lugares de sociabilidade e consagração de certos ritos, nomes, bens simbólicos". Acrescentaria mais uma coisa: por exemplo, a permanência de um certo tipo de história.

Nesse sentido, o tipo de história apresentado por Fernando de Azevedo n' *A cultura brasileira*, esboça uma concepção que recai na função das elites criadoras de conduzir o desenvolvimento da história. Basicamente sua obra assume a função de afetar a consciência histórico-cultural. Não competia somente a USP, o "estudo científico dos grandes problemas nacionais e mundiais, para difusão de ideias de vida". Alguns indivíduos precisavam dar formar e meios de expressão "orientador[es] do pensamento e das aspirações coletivas"

[10] Sobre essa categoria ver: ROIZ, Diogo da Silva. O curso de geografia e história da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo (1934-1968) 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

vinculando ações e pensamentos a algo comum (Cardoso, 1982: 122). Sem entrar no mérito das reformas e práticas dos grupos mencionados, o que compreende é fabricação de uma imagem sobre a cultura brasileira onde certos atores, protagonistas e personalidades, que se ocuparam da formação e identidade da sociedade brasileira são destacados, ou pelo menos mencionados com maior ênfase.

Para efetivação da sua prática, Fernando de Azevedo, assim como os movimentos intelectuais e políticos no Brasil, desde o século XIX, pelo menos, usavam de diversas armas para construir suas tradições. Seja por meio de discursos, manifestos, obras e etc., em que buscavam se diferenciar delineando certa originalidade teórica e interpretativa. Seja construindo retrospectivas, em que saltam a forma de definir campos de atuação, ou destacando a ação dos fundadores do movimento, da forma de construir uma obra e mesmo de analisar uma categoria – aqui penso na expressão cultura brasileira – a preocupação central nesse movimento, se situa em definir objetivos, uma identidade comum todos envolvidos na renovação da cultura que amenizasse os choques e embates culturais.

A filosofia da história de Fernando de Azevedo, dá a história a função de testemunho, registro dos grandes feitos, dos grandes homens. Servindo o leitor de exemplos, explica quais os fatos e atores servem de mestre para a vida. Do entendimento que os homens, geralmente precisam conhecer o seu passado para conhecer a si, é importante “que ele se conheça a si próprio, não querendo dizer que ele conheça as suas particularidades meramente pessoais, aquilo que o diferencia dos outros homens, mas sim a natureza de homem”, a natureza humana. “Conhecer-se a si mesmo significa saber o que se pode fazer. E como ninguém sabe o que pode fazer antes de tentar, a única indicação para aquilo que o homem pode fazer é aquilo que já se fez”. De certa forma, o valor da história está em ensinar o que os homens têm feito através dos tempos, “deste modo, o que o homem é” (Collingwood, 1944: 22).

Com isso, “até a criação do curso de Geografia e História em Faculdades de Filosofia, a partir da década de 1930, o exercício do ofício de historiador foi praticado no Brasil, por aqueles que se dedicavam ao estudo do passado e escreviam textos que, reconhecidas suas especificidades”, se apresentavam como texto históricos que, “poderiam ser entendidos como de história”. Não é por mera coincidência “que a maior parte de seus autores tivesse sido composta por biógrafos, memorialistas e profissionais inicialmente formados nas áreas de Letras, Direito, Sociologia, Engenharia e Medicina”. Se dedicam ao estudo da história nacional, olhando o passado “mais como ‘cultores do ofício’, do que como historiadores profissionais” (Roiz, 2020: 36).

Como os textos não tinham propósitos exclusivamente acadêmicos, entendê-los como *locus* da unidade, sintetiza, ou melhor, talvez traduza a interversão direta de Fernando de Azevedo na formação cultural dos leitores. Seja por via da sua obra monumental, seja pela sua participação na criação da Universidade ou participação em outros grupos, suas ações estavam vinculadas a ideias, práticas e estratégia de atuação que articula iniciativas dos pioneiros da Escola Nova, dos empresários liberais, dos proprietários de jornais e revista, num projeto pioneiro de institucionalização intelectual e cultural do conhecimento. Sua obra evidencia a cultura como algo inseparável da estrutura história nacional. Para atuar na vida espiritual da

nação, Fernando de Azevedo oferece de modo exemplar a sua interpretação do real e de toda história da cultura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo esses apontamentos, a produção de Fernando de Azevedo segue critérios de orientação e um tipo explicativo que reconstrói historicamente a formação da sociedade brasileira. Recuperar o passado, avaliar o presente e preparar o futuro, tinha no autor em questão, o significado de superação dos males de origem. Lidando com essas noções, o trabalho buscou evidenciar a visão adotada em história pelo sociólogo e educador brasileiro. Tal estudo fornece as marcas temporais elegidas como importantes e as representações históricas mobilizadas pelo autor. O tipo de história construída elege marcos e personagens que, na obra em questão, são os elementos constituidores do processo histórico nacional.

Motivado a explicar, e, sobretudo, descrever a cultura brasileira, Fernando de Azevedo tem suas carências temporais resolvidas quando as perspectivas orientadoras da experiencia passada, dão suporte para o seu pensamento e argumentação. Em outras palavras, entender a realidade passada que se fazia influente no presente, constituía sua estratégia de propor um modo de leitura do seu tempo, ou mesmo justificar ações e situações. É possível dizer que sua ação objetivou compreender seu contexto por via de uma leitura histórica, mas, não sendo obra de historiador, a interpretação oferecida do Brasil e dos brasileiros, reforçava os aspectos identitários e de orientação existencial do grupo político e social a qual o autor pertenceu e defendeu. Revelar o país se constituía como uma forma de dar e criar sentido ao mundo e a vida, mas também aos propósitos e práticas defendidas pelo autor.

Fernando de Azevedo fora um homem que dedicou a vida ao conhecimento, a ciência, a reforma educacional e a cultura. Ao defrontar com a obra: *A cultura brasileira*, um livro de "consulta obrigatória para quem deseja conhecer a evolução da cultura nacional, em todos os seus aspectos"; são perceptíveis os critérios orientadores da produção da obra, que ultrapassam o processo de composição dos eventos. Se interpretar é uma constante dos homens, a obra: *A cultura brasileira*, enquanto descrição e explicação da cultura brasileira, opera uma ação prática e teórica, que busca a consciência histórico–sociológica da vida cultural de uma sociedade, nesse caso, a sociedade brasileira e paulista nas décadas de 1930 e 1940.

Não há demérito nas lutas de Fernando de Azevedo pela educação no Brasil. Porém, importa ressaltar que sua concepção de história se aproxima muito mais de uma síntese erudita, mesclada com uma concepção essencialista e evolutiva do processo histórico que uma efetiva historiografia brasileira. Assim, ao mesmo tempo em que sua síntese esconde o país, revela os compromissos do autor. Tratou dos fatores da cultura brasileira com a ideia de que o caráter, a identidade nacional, só podem ser apreendidos quando apoiados nos fatores que os condicionaram. Assim, o meio físico, o clima, a raça, o desenvolvimento técnico e econômico, a evolução das formas de estrutura social e política que assumiu a sociedade

brasileira e os fatores históricos, seriam os elementos condicionantes e geradores da cultura brasileira. Para o autor esses fatores embora sofrendo modificações, carregam traços que perpetuam na alma nacional, esses ficariam gravados desde o início das primeiras gerações, por isso sua ideia da natureza humana permanece a mesma.

Logo, conhecer o passado seria condição para entender e compreender a si mesmo. A escolha dos períodos, acontecimentos, eventos e outros, foram determinados pela subjetividade do autor. O passado enquanto condição de explicação do presente, dá, na concepção do autor, ordem aos processos temporais. O sociólogo em questão, usa da investigação sobre o tempo passado como forma de aprendizado, mas também, de demarcação, de fixação de um tipo de história, nesse caso: explicativa, descritiva e essencialista. Se esses processos constituem um modo de conscientização identitária do indivíduo, há no autor pesquisado, elementos que nos ajudam a pensar a força orientativa da historiografia e a possibilidade de crítica (Barom e Ceri, 2012: 1000 a 1002).

REFERÊNCIAS

Aguiar, R. C., (2000). Fernando de Azevedo. In: *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro*. Marco Zero. São Paulo, Brasil.

Alonso, A., (2002). *Ideias em movimento*: a geração 1870 na crise do Brasil – Império. Paz e Terra. São Paulo, Brasil.

Arrais, C. A., (2013). Arnold Toynbee (1889-1975). *A constituição da História como ciência*: de Ranke a Braudel, 255 a 283. Vozes. Rio de Janeiro, Brasil.

Arrais, C. A., Bentivoglio, J., (2017). *As revistas de história e as dinâmicas do campo historiográfico*. Milfontes. Espírito Santo, Brasil.

Azevedo, F., (2010). *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Azevedo, F., (1944). *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2ª ed. Companhia editora nacional. Brasília, Brasil. Versão Online do IBGE disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=255807&view=detalhes. Acesso em: janeiro de 2015.

Barom, W. C. C.; Cerri, L. F., (2012). A teoria da história de Jörn Rüsen entre a modernidade e a pós-modernidade: uma contribuição a didática da história. *Revista Educação e Realidade*. v. 37. nº 3, 991 a 1008 pp. Rio Grande do Sul, Brasil.

Bourdé, G., (2018). *As escolas históricas*. 1ª ed. Trad. Fernando Scheibe. Autêntica. Belo Horizonte, Brasil.

Cardoso, I. A. R., (1982). *A Universidade da Comunhão Paulista*. Autores Associados / Cortez. São Paulo, Brasil.

Collingwood, R. G., (1944). *A ideia de História*. Trad. Alberto Freire. Editora Presença. Lisboa, Portugal.

Mendes, D. T., (1987). Prefácio. *Fernando de Azevedo*: educação e transformação. Editora Perspectiva. São Paulo, Brasil.

Penna, M. L., (1987). *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. Editora Perspectiva. São Paulo, Brasil.

Pilette, N., (1994). Perfis de Mestres: Fernando de Azevedo. *Revista Estudos Avançados*. vol.8 nº.22. São Paulo, Brasil.

Reale, M., (1984). Fernando de Azevedo, um sociólogo na encruzilhada. *Figuras da inteligência brasileira*. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Brasil.

Roiz, D. S., (2020). *O curso de geografia e história da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo (1934-1968)*. Alameda. São Paulo, Brasil.

Rüsen, J., (2014). *Cultura faz sentido*: orientações entre o ontem e o amanhã. Trad. Nélio Schneider. Vozes. Petrópolis, Brasil.

Rüsen, J., (2007). *História Viva*: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.

Rüsen, J., (1996). Narratividade e objetividade nas ciências históricas. *Textos de História*, 75 a 102 pp. v. 4, n. 1. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5794/4801. Acesso em: 03/11/2016.

Rüsen, J., (1994). *Que es la cultura histórica?* Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. FÜßMANN, Klaus, GRÜTTER, Heinrich Th; RÜSEN, Jörn (eds.). Historiche Faszination, GeschichtsKultur Heute. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau. Disponível em <www.culturahistorica.es>. Acesso em 03 de abril de 2020.

Rüsen, J., (2001). *Razão histórica*: fundamentos da ciência histórica. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.

Rüsen, J., (2007). *Reconstrução do passado*. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.

Rüsen, J., (2015). *Teoria da história*: uma teoria da história como ciência. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Brasil.

ISSN: 2718-8310

Souza, J. V., (2002). A relação projeto nacional e educação em Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes. *Revista Brasileira de Educação* - 25ª Reunião Anual da ANPED / Grupo de Trabalho Sociologia da Educação. ANPED. Caxambu, Brasil. Disponível em: http://25reuniao.anped.org.br/tp251.htm#gt14. Acesso em: 14 / 02 / 2019.

Toledo, M. R. A., (2000). Resenha de "A Cultura brasileira" de Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira de Educação*, 165 a 170 pp. nº 14. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, Brasil.

Toledo, M. R. A., (1995). *Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira*: Ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. (Dissertação de Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Toynbee. A., (1970). *Experiências*: ensaio autobiográfico de um dos maiores historiadores do século XX. Vozes. Rio de Janeiro, Brasil.



Wilson de Sousa Gomes
Docente da Universidade Estadual de Goiás. Estado de Goiás - Brasil
E-mail: berimbau2005@hotmail.com

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2021). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO (2015). Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Goiás Unidade de Jussara (2005). Graduação (Licenciatura) em Pedagogia pela União Brasileira de Faculdades - UNIBF (2020).

ISSN: 2718-8310

Especialização em História e Sociedade pelo Centro Universitário Montes Belos - UniMB (2011). Docente de Teoria e Metodologia da História na Universidade Estadual de Goiás. Possui atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Atua no campo da Teoria e Metodologia da Pesquisa em História, da Historiografia Brasileira e Cultura Popular.